A ilegível sucata = [Recensão a] Aleida Assmann, Im Dickicht der Zeichen [No Bosque dos Signos]

Autor(es): Schwäbl, Tiago

Publicado por: Centro de Literatura Portuguesa; Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/39114>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2182-8830_4-2_20

Accessed : 26-Apr-2023 16:18:45

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Vol. 4.2 (2016)

ISSN 2182-8830

'Estudos Literários Digitais 2'

Manuel Portela e

António Rito Silva (orgs.)

A Ilegível Sucata

TIAGO SCHWÄBL

CLP | Universidade de Coimbra

Aleida Assmann, *Im Dickicht der Zeichen* [No Bosque dos Signos]. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2015, 360 pp. ISBN 978-3-518-29679-0

Uma académica das Ciências Humanas anda às voltas com um conto de Joyce, tentando perceber, a páginas tantas, se a descrição de uma bomba de ar abandonada num quintal corresponde ao símbolo da serpente no paraíso ou a um símbolo fálico. Encalhada, a estudiosa faz então uma pausa e aproveita para ir às compras; no caminho de regresso passa por um terreno onde, debaixo de uns arbustos, está uma velha bomba de ar para bicicleta. A jovem poderá considerar se o aparelho ainda funciona, mas dificilmente se questionará se o objeto simboliza uma serpente ou um falo. Este exemplo é apresentado por Aleida Assmann já no final do livro e dá-nos conta de diferentes posturas perante as coisas, consoante se trate de um texto ou do mundo. Esta competência de alternância [*Umschaltkompetenz*] define não só espaços de literariedade como também o momento de entrada de um indivíduo em quadros interpretativos [*Deutungsrahmen*] nos quais se espoletam obsessões de significação e compreensão: as feras-leitoras andam à solta no matagal dos signos.

Aleida Assmann percorre vários trilhos, dos quais se poderiam destacar alguns níveis ou temas: «o mundo como texto» efetua um primeiro levantamento das várias categorias signícas, articulando *animal symbolicum* e *homo interpres*, sendo que a relação entre as manifestações mundanas e a sua significação reorienta os códigos de construção da leitura conforme a ênfase, presença ou ausência dos implicados (sinal, mensagem, emissor, destinatário, leitor). Esse jogo processual de materialização oscila entre o imediato e o

MATLIT 4.2 (2016): 308-311. ISSN 2182-8830
http://dx.doi.org/10.14195/2182-8830_4-2_20

mediado, entre o preenchimento e o esvaziamento semiótico; a materialidade é encontrada quer na substância do signo quer no seu limbo.

A «imagética da escrita» – outra camada de análise – interpõe-se entre a legibilidade da escrita e o reconhecimento da imagem, seja na distinção dos códigos exclusivos de cada uma, seja na sua confluência até à indistinção. «Ler e Olhar», por exemplo (título do capítulo nono), submerge-nos no ténue jogo do reconhecimento e estranhamento, tal como acontece naquelas figuras ambíguas do jarro de Rubin, do coelho/ pato de Wittgenstein ou da nora/sogra, onde tanto se pode observar a revelação de uma taça como a de duas silhuetas de cabeças humanas, mas nunca as duas figuras ao mesmo tempo. Esse campo de tensão entre transparência e opacidade ocorre igualmente na letra, aquando da sua emergência e consequente saturação e multiplicação dos códigos – na evidência do *medium* –, ou, pelo contrário, aquando do seu desaparecimento no processo de leitura.

Outra história de fascínio, provocada por um distanciamento que só vem confirmar o grau de duplicidade e mistério do signo, é a dos hieróglifos, que não só codificam a fonética [*Lautsprache*] da linguagem, mas, na sua imagética [*Bildhaftigkeit*], tornam o mundo imediatamente legível. Os hieróglifos tomam lugar central neste livro em diversos patamares da sua receção histórica, como, por exemplo, na Renascença: quando Gutenberg traz a escrita à imprensa, traz também as imagens; com a separação clara destes dois códigos, cresce a consciência de uma fronteira entre os sistemas sógnicos e os seus *media*. «Quanto mais abstrato e arbitrário, quanto mais mecânico e [produzido] em massa se torna o *medium* [da] escrita na sua história técnica, mais intensivamente se pode revelar o contra-exemplo dos hieróglifos como marca de uma alternativa cultural excluída e rejeitada. Não é por isso um acaso que a primeira fase do fascínio pelos hieróglifos aconteça na primeira fase da era da imprensa.»

Se por um lado a história da escrita aponta, segundo Assmann, para um aumento da arbitrariedade e da abstração, por outro a eficácia na transmissão de dados afunila o conceito de escrita. É neste âmbito que a letra irrompe no processo de leitura, ensaiando «estratégias de leitura» e considerações sobre a incompreensão e a ilegibilidade, bem como formas de lidar com os inesgotáveis impulsos hermenêuticos. A «obsessão interpretativa» vem orientar ou desorientar leitores votados a uma pansemiótica desmesurada – o conto «The Turn of the Screw» de Henry James é aqui submetido a intensa análise –, em conflito encriptado entre texto e vida.

O livro de Assman desenrola uma macroestrutura temática de ampliação e foco variável – que não deixa, todavia, de seguir uma linha histórica contínua na qual são atribuídos diferentes processos de leitura a temporalidades específicas. A argumentação desenvolve-se através de uma articulação histórica e binomial: Shakespeare/Sócrates, Nietzsche/Goethe, Hoffmannstahl/Francis Bacon... exterior/interior, superfície/profundidade, visível/invisível, voz/escrita, texto/imagem, mensagem/*medium*... A dupla estrutura do signo

é a fonte de inúmeros caminhos e desequilíbrios que, apesar da inesgotável multiplicidade, não se libertam deste duplo cerne: *tertium non datur*, ao contrário do que tenta mostrar a Autora.

Aleida Assmann é professora de Estudos Ingleses e Literários na Universidade de Constança em Baden-Württemberg, no sul da Alemanha. Em 1980 publica a tese com o título *A Legitimidade da Ficção*, na qual examina duas formas de leitura: a do mundo e a dos livros. Na introdução, a Autora baliza o seu percurso pela triangulação das suas influências: Michel Foucault, 1966, *Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines* [As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas]; Hans Blumenberg, 1986, *Die Lesbarkeit der Welt* [A legibilidade do mundo], e Umberto Eco, 1993, *La ricerca della lingua perfetta nella cultura europea* [A procura da língua perfeita na cultura europeia]. Aliás, a referência a *Seis passeios pelos bosques da ficção* (1994) de Umberto Eco é imediata, sendo que em Assmann não é de um modelo de leitor, mas de processos de leitura que se trata, já não tanto um passeio lúdico com direito a piquenique, mas um regresso esquizofrénico ao depósito de definições e utilizações, ao dédalo de várias camadas: uma sucata.

As estratégias de leitura sucedem-se: a partir dos anos 1980 a palavra ‘interpretar’ vai dando lugar à palavra ‘ler’; e se no início de século XX se falava de ‘ininteligibilidade’, no seu final o tópico era a ‘ilegibilidade’. Paradoxalmente, este segundo hermetismo, diz a Autora, não leva a uma quebra da hermenêutica, antes lhe dá novos impulsos; salienta-se aqui a diferenciação entre um todo textual onde a hermenêutica encontra uma «inesgotável abundância de significações» e um texto aberto em que o sentido prolifera, agora sem a imposição da compreensão. A parte V – «Metamorfoses da Leitura» – remete-nos para um espaço intermédio entre leitor e texto, coabitado pelos *media* materiais: «os ‘textos’ transformam-se em ‘texturas’», é libertada uma prontidão [*Bereitschaft*] de leitura do mundo que estende renovada atenção [*Aufmerksamkeit*] à letra e, por via dela, ao *medium*. «Descobrir de novo a leitura como ação central e incluível significa, entre outros, que já não há mais transcendentalismo da leitura, mais nenhuma fuga da materialidade dos signos para o espírito, nenhum avanço lesto e fortuito da soletração à interpretação.»

Noutro nível de dissecação, à laia de resumo final da própria Autora, ela ressalta três atitudes interpretativas que apontam para um gradual estreitamento da leitura, da tríade texto–leitor–voz à diáde texto–leitor e à unidade do texto: a hodegética, a hermenêutica e a desconstrução.

Sob a hodegética, distanciam-se leitura e compreensão, assim como se separam texto e voz, constituindo o primeiro um simulacro fixo da segunda, necessitando-se assim de um guia – o hodegeta – para indicar o caminho na floresta dos signos. No Concílio de Trento os humanistas voltam todavia a unir o que Platão tinha dividido: a voz torna-se o interior da escrita, a *vox viva* de um leitor autónomo e solitário que vem animar a *littera mortua*. Aplica-se aqui um «modelo mediotécnico de reativação» que estabelece a hermenêutica da voz interior e a sua reanimação como cura para o estranhamento da escri-

ta, firmando para os séculos posteriores a dupla estrutura do signo. Derrida, por sua vez, marca com a desconstrução um terceiro quadro interpretativo no qual o significado não pode ignorar o *medium* – a opacidade torna-se uma qualidade textual e o seu ensinamento, diz Assmann, é o da ilegibilidade. Estranhamente, tudo parece acontecer ao nível do texto, desmistificado e sem véu, local de chegada sem destino: «não há no processo da leitura nenhum salto do fundo das letras materiais para o significado imaterial».

Assmann consegue um vasto mapa de discussões sobre a linguagem e cristaliza as posições extremas. Acaba contudo por submetê-las a um filtro recorrente em algumas abordagens da teoria literária: a arqueologia. Este formato, tal como nos é apresentado, busca a totalização e a reformulação da história através da justaposição positiva e tenta a releitura através de uma revalidação retrospectiva à luz dos tipos de receção atuais. No entanto, por maior que seja a multiplicidade dos impulsos, não se escapa da duplicidade do signo.

Os últimos capítulos percecionam pontos fulcrais da discussão do estado da arte, mas a Autora poderia ter aproveitado a sua perspicácia para construir uma reflexão sobre os caminhos que trilhamos agora, independentemente do grau de atolamento no labirinto. Apesar de sempre pedagógica e instrutiva, grande parte do livro ronda a ‘revisão da matéria dada’. Conclui a Autora que «este labirinto não tem nenhuma saída. Ficamos presos nos textos, circundados pela escrita e ocupados com vestígios de leitura».

© 2016 Tiago Schwäbl.

Licensed under the [Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivative Works 4.0 International \(CC BY-NC-ND 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).